

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM A MONSTRA | RETROSPETIVA RENZO E SAYOKO KINOSHITA**  
**22 de março de 2023**

**PICA-DON / 1978**

*Realização e animação:* Renzo Kinoshita / *Argumento:* Sayoko Kinoshita / *Cenários:* Takayoshi Fukuda, Kiyoshi Miyamoto / *Câmara:* Satoru Isobe, Shoichiro Inatani / *Música:* Reijiro Koroku, Production Nova / *Som:* Akira Nakane / *Produtores:* Daizaburo Hayashi, Toshihiro Komori / *Produção:* Studio Lotus.

Cópia digital (DCP), a cores, sem diálogos, com intertítulos em francês legendados em português / *Duração:* 9 minutos / *Estreia Mundial:* 6 de junho de 1978, Japão / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**KUMAGAYA - SAIGO NO KOSHO / 1993**  
**(“O Último ataque aéreo, Kumagaya”)**

*Realização:* Renzo Kinoshita / *Argumento:* Sayoko Kinoshita / *Música:* Reijiro Koroku / *Produtora:* Sayoko Kinoshita / *Produção:* Studio Lotus.

Cópia digital (DCP), a cores, com diálogos em japonês, legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 29 minutos / *Estreia Mundial:* maio de 1993, Festival de Cinema de Cracóvia, Polónia / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**RYUKYU OKOKU – MADE IN OKINAWA / 2004**

*Realização e argumento:* Renzo e Sayoko Kinoshita / *Desenho dos personagens, storyboard, layout:* Renzo Kinoshita / *Animação:* Toshio Hirata, Sayoko Kinoshita, Dr. Movie / *Cenário:* Katsushi Aoki / *Pintura:* Sayoko Kinoshita / *Cut-Out:* Satoko Nagasaka, Toshihiko Nakamura, Eiko Muramoto, Kazumi Komurai, Kota Kinoshita, Yuko Ishibashi / *Música:* Reijiro Koroku / *Musica de Okinawa:* Chiabana Sanshin Club / *Vozes (em dialeto de Okinawa):* Takashi Uehara, Masaru Tairai / *Câmara:* Hisao Shirai, Teruo Tsuda / *Montagem:* Chikako Fukui, Yasuhito Fukui / *Laboratório:* Imagical / *Assistência de produção:* Masahiro Hayashi / *Direção de produção:* Makiko Nagao / *Produtora:* Sayoko Kinoshita / *Produção:* Studio Lotus.

Cópia digital (DCP), colorida, sem diálogos / *Duração:* 18 minutos / *Estreia Mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**LITTLE JOURNEY / 1972**  
**(“Uma Pequena Viagem”)**

*Realização:* Renzo Kinoshita / *Argumento:* Sayoko Kinoshita / *Animação, layout, cenário:* Renzo Kinoshita / *Pintura:* Renzo Kinoshita, Makiko Oura, Kieko Tsusaka, Hiromi Iida, Yuko Takarada / *Câmara:* Hiroshi Isagawa / *Música:* Reijiro Koroku / *Montagem:* Kimie Kawagishi / *Direção de produção:* Makiko Oura / *Produtora:* Sayoko Kinoshita / *Produção:* Studio Lotus.

Cópia digital (DCP), colorida, sem diálogos / *Duração:* 13 minutos / *Estreia Mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**MADE IN JAPAN / 1972**

*Realização:* Renzo Kinoshita / *Argumento:* Sayoko Kinoshita / *Animação:* Sayoko Kinoshita / *Produtora:* Sayoko Kinoshita / *Produção:* Studio Lotus.

Cópia digital (DCP), colorida, sem diálogos / *Duração:* 9 minutos / *Estreia Mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

## JAPONESE / 1977

*Realização:* Renzo Kinoshita / *Argumento:* Sayoko Kinoshita / *Animação:* Sayoko Kinoshita / *Produtora:* Sayoko Kinoshita / *Produção:* Studio Lotus.

Cópia digital (DCP), colorida, sem diálogos / *Duração:* 6 minutos / *Estreia Mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão apresentada por Ilan Nguyen

---

A importância das produções japonesas (ou dos criadores japoneses) na História do Cinema de animação é inegável. No entanto, nas listas dos nomes mais reconhecidos, é raro encontrar Renzo e Sayoko Kinoshita, duas figuras que contribuíram significativamente para o cinema de animação japonês, não só pelos filmes maravilhosos e inovadores que produziram, mas pelo seu papel como impulsionadores da animação neste país: foram responsáveis pela criação da ASIFA Japan – a filial japonesa da International Animated Film Association (presidida por Sayoko), e do Festival Internacional de Animação de Hiroshima (criado em 1985, e do qual Sayoko é diretora). A colaboração entre esta dupla inicia-se quando Sayoko começa a trabalhar numa empresa de animação, onde Renzo já desempenhava funções como animador. Rapidamente se estabelecem no mundo da animação televisiva, mas a sua frustração com a animação convencional leva-os a outras aspirações: criar um estúdio independente para produzirem os seus próprios filmes – o Studio Lotus, que produziu todos os filmes exibidos nesta sessão. O financiamento para estas produções independentes era obtido através de trabalhos publicitários realizados por Renzo. Na maioria dos filmes em que colaboraram, Renzo assumiu a realização, Sayoko escreveu e produziu.

A seleção de curtas-metragens exibidas nesta sessão revela um percurso coerente, que atravessa três décadas, tocando momentos, temas e problemáticas centrais na História do século XX. Os acontecimentos da II Guerra Mundial, que se cruzam com a História do Japão – o bombardeamento atômico de Hiroshima, os bombardeamentos de Tóquio e de Kumagaya, a invasão e batalha de Okinawa. Através da animação, os filmes de Renzo e Sayoko Kinoshita oferecem um retrato documental (alicerçado, frequentemente, em anos de pesquisa e investigação) sobre a História do Japão, convocando reflexões sobre a guerra num sentido mais global: o seu significado, o papel da propaganda governamental, e as consequências dos conflitos bélicos na vida das populações (e, particularmente, das crianças). Depois o período do pós-guerra, a hegemonia [económica] dos Estados Unidos, o desenvolvimento do capitalismo neoliberal, do consumismo, e da sociedade de massas – com a publicidade e os *mass media*. As obras dos Kinoshita refletem também uma visão crítica – e, por vezes, até sarcástica – deste novo paradigma: a velocidade, que se torna quase ridícula, do ciclo de produção e consumo, a alienação do Homem, a poluição e as mudanças climáticas. Nos filmes de Renzo e Sayoko Kinoshita a cultura tradicional – representada a um ritmo natural -, é contrastada pela aceleração alienante da produção industrial massificada e globalizada.

Em 1972, a dupla viajou até Hiroshima para discutir com o Câmara Municipal a possibilidade de realizar um filme sobre o bombardeamento atômico que atingiu a cidade em agosto de 1945. Uma proposta que não foi bem acolhida: segundo os membros da Câmara, bem como alguns sobreviventes, um filme de animação não permitiria a seriedade necessária para abordar esta temática. O filme é então produzido pelo Studio Lotus, através de financiamento gerado pelos próprios. O resultado foi PICA-DON (1978), a obra mais conhecida de Renzo e Sayoko Kinoshita, e o primeiro filme de animação sobre o bombardeamento de Hiroshima. O filme começa com um esclarecimento sobre o próprio título: “A 6 de agosto de 1945, o povo de Hiroshima viu um clarão que era cem vezes mais brilhante que o sol. Chamaram-no de ‘pica’. Foi seguido por uma explosão a que o povo chamou de ‘don’. PICA-DON”. As primeiras imagens retratam a vida quotidiana em Hiroshima durante a II Guerra Mundial: trabalhadores, famílias, crianças, militares. A música de Reijiro Koruko é invadida pelo som dos aviões de combate que se aproximam, como uma ameaça que antecede a catástrofe. O tempo parece congelar-se na imagem de uma criança com um avião de papel, no momento em que se vê um clarão, como um *flash*. Segue-se o estrondo e a destruição: edifícios em derrocada, corpos a colapsarem e a desintegrarem-se. Hiroshima transforma-se numa cidade zombie, um cenário de terror apocalíptico. No meio deste

cenário, encontramos o corpo de uma criança e somos transportados para um sonho, ou talvez uma realidade alternativa, uma mensagem de esperança em que o avião de papel da criança que vemos no início, viaja até uma cidade moderna reconstruída. Apesar do desagrado inicial, depois da sua apresentação (que se deu após vários meses e aquando da estreia de outro filme), PICA-DON arrecadou críticas positivas por parte da população japonesa, falou-se do filme nas notícias, foi mostrado nas escolas por todo o país e passou a ser projetado no Peace Memorial Museum de Hiroshima.

Onze anos depois, em 1993, Renzo realiza SAIGO NO KOSHO KUMAGAYA / “O último ataque aéreo, Kumagaya”. A mensagem inicial do filme é uma crítica à narrativa difundida pela propaganda estatal que glorificava o esforço bélico do Japão, ignorando as suas consequências reais na vida da população. Renzo e Sayoko Kinoshita queriam contar essas narrativas: as tragédias pessoais, o sofrimento dos mais desprotegidos. Neste filme, uma criança que acaba de perder a mãe nos bombardeamentos de Tóquio, viaja até Kumagaya para encontrar os tios e os primos. A inocência e ingenuidade da criança contrasta com a premeditada violência da guerra, que não deixa de se fazer presente mesmo nos momentos mais belos (como um comboio carregado de artilharia que passa pelos campos em que as crianças brincam). Kumagaya vive uma paz aparente, mas (tal como no filme anterior) os aviões inimigos aproximam-se. Kumagaya foi a cidade atingida pelo último bombardeamento em território japonês durante a II Guerra Mundial. Na obra dos Kinoshita, esse ataque aéreo acontece na segunda noite da criança na nova cidade. Sachiko é retratada como uma criança doce, feliz e otimista que tenta reconstruir a sua vida depois de uma tragédia. A empatia que o espectador [facilmente] cria com esta personagem, irá impedi-lo de ficar indiferente ao seu cruel destino.

Okinawa, a ilha mais meridional do Japão, foi o único território nipónico onde se desenrolou uma batalha terrestre durante a II Guerra Mundial, mas a história da ilha não começa apenas em 1945. MADE IN OKINAWA é uma homenagem à ilha, à sua história e tradições. Um personagem com um kimono tradicional deitado na praia, observa calmamente o mar e testemunha a passagem do tempo. A sua imutabilidade contrapõe-se ao incessante movimento na ilha. À praia de Okinawa chegam barcos vindos de vários pontos do mundo: invasões, colonialismo, trocas comerciais. Os momentos cruciais da História de Okinawa são contados com recurso a representações visuais, música e sons, confirmando a veracidade do velho ditado “uma imagem vale [mesmo] mais que mil palavras”. Um filme que celebra a riqueza de Okinawa e do encontro entre culturas e tradições, com um final que convoca reflexões sobre o futuro deste território.

A LITTLE JOURNEY retrata a jornada de uma criança de chapéu amarelo, que vive em harmonia com a natureza e que tem como fiel companheiro um gato branco. Um dia, o animal desaparece, e a criança viaja até à cidade em busca do seu amigo. Nesta viagem, torna-se claro o contraste entre a natureza colorida – que começa a ser ameaçada pelas assustadoras máquinas que cortam árvores – e a cidade cinzenta e poluída. Nas obras dos Kinoshita, as crianças representam a pureza e a autenticidade irremediavelmente destruídas pela guerra e pela industrialização.

As duas últimas curtas-metragens em exibição são também uma crítica à sociedade contemporânea. A primeira, premiada pelo Festival de Animação de Nova Iorque, é uma sátira sobre o “Made in Japan” (produzido no Japão), uma designação desde logo associada à indústria, ao comércio e à economia. Uma sequência de figuras que fazem referência ao turismo, a marcas japonesas (Nikon, Canon, Sony), ao culto da produtividade (um homem de negócios com roupa de samurai que elimina os seus concorrentes e que trabalha em qualquer lugar e a qualquer momento), o samurai, a gueixa, o lutador de sumo – todos eles produtos culturais exportados pelo Japão. As produções independentes do Studio Lotus eram financiadas através de trabalhos publicitários realizados por Renzo Kinoshita. Por um lado, a necessidade de recorrer à publicidade para obter fundos para as suas produções artísticas pode ter gerado alguma insatisfação e frustração por parte dos criadores; mas, a verdade é que, através dos filmes que produziam, Renzo e Sayoko Kinoshita conseguiam, de certa maneira, subverter as dinâmicas que criticavam. JAPONESE é também uma sátira sobre o consumismo que sublinha a influência ocidental (e, particularmente, dos Estados Unidos) na sociedade japonesa. Desde as criações estrangeiras que o japonês tenta reproduzir (a bicicleta, o automóvel, o avião), até ao pós-guerra, a hegemonia americana, a chegada dos *mass media* e da sociedade de consumo. O ritmo frenético a que se criam novos produtos que são rapidamente consumidos, e a alienação do ser humano (preso neste ciclo de produção e consumo) que perde a sua própria identidade tornando-se parte de uma massa homogênea. A sociedade transformada numa máquina de superprodução. A solução será mesmo desligar a corrente.

Sara Oliveira Duarte